



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

### Povoar outras terras, com imagens

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
<https://orcid.org/0000-0002-0323-9207>

Alessandra Aparecida de Melo<sup>2</sup>  
Rede Pública de Educação Básica do Estado de São Paulo  
<https://orcid.org/0000-0002-4951-4120>

Sara Melo<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
<https://orcid.org/0000-0002-8402-4020>

**Resumo:** Pensar em fluxos e deslocamentos de um devir crianceiro. Quais são os novos territórios capazes de serem compostos em oficinas realizadas com migrantes e refugiados, adolescentes alunos de escolas públicas e crianças? Que imagens brotam como potências de tais encontros? Este artigo organiza-se em três diferentes extratos a partir dos quais as representações de crianças migrantes e refugiadas compõem planos de pensamento e experimentação entre palavras e imagens. Apostando em algumas disjunções entre imagem e representação, consideraremos que esses planos, tais quais o objeto mundo ou qualquer objeto que seja capturado e transformado em imagem, poderá se subjetivar. À diferença do visual, que remete a figura a si mesma, as imagens criam remissões a uma outra coisa, trabalhando significados que supõem a relação entre todo e partes, as expectativas de preenchimento e as relações entre visibilidade e os seus significados. Os

---

<sup>1</sup>Professor Associado II (MS-5.2) da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho) e pesquisador associado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor). e-mail: [acamorim@unicamp.br](mailto:acamorim@unicamp.br)

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP (2019). Especialista em ensino de filosofia pela UFSCar (2019). Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (2015). Atua como professora no programa de ensino integral da rede pública do estado de SP. e-mail: [alessandra\\_telecom@yahoo.com.br](mailto:alessandra_telecom@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação - Linguagem e Arte, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e participante do grupo de pesquisa OLHO (Laboratório de Estudos Audiovisuais - FE/Unicamp). Bolsista CAPES. Possui Mestrado em Educação e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). e-mail: [saradmelo@gmail.com](mailto:saradmelo@gmail.com)

resultados das oficinas oferecem perspectivas de distintos modos de as imagens habitarem e instaurarem mundos outros.

**Palavras chave:** migração, imagens, experimentação.

### **Povoar outras terras, con imágenes**

**Resumen:** Piensar en los flujos y desplazamientos de un devenir criancero. ¿Cuáles son los nuevos territorios capaces de ser compuestos en talleres realizados con migrantes y refugiados, estudiantes adolescentes de escuelas públicas y niños? ¿Qué imágenes emergen como poderes de tales encuentros? Este artículo está organizado en tres extractos diferentes a partir de los cuales las representaciones de niños migrantes y refugiados forman planes de pensamiento y experimentación entre palabras e imágenes. Apostando por algunas disyunciones entre imagen y representación, consideraremos que estos planes, como el objeto mundo o cualquier objeto que sea capturado y transformado en una imagen, pueden ser sujetos. A diferencia de lo visual, que se refiere a la figura en sí misma, las imágenes crean referencias a otra cosa, trabajando con significados que suponen la relación entre todo y partes, las expectativas de finalización y la relación entre la visibilidad y sus significados. Los resultados de los talleres ofrecen perspectivas sobre las diferentes formas en que las imágenes habitan y establecen otros mundos.

**palabras-clave:** migracion, imágenes, experimentación.

### **To populate other lands, with images**

**Abstract:** Think about flows and displacements of a child becoming. What are the new territories capable of being composed in workshops took place with migrants and refugees, adolescent students from public schools and children? What images emerge as powers of such encounters? This article is organized into three different extracts from which representations of migrant and refugee children form plans of thought and experimentation between words and images. Betting on some disjunctions between image and representation, we will consider that these plans, such as the world object or any object that is captured and transformed into an image, can be subjectified. Differently from the visual, which refers the figure to itself, the images create associations of something else, working with meanings that suppose the relationship between everything and its parts, the expectations of completion and the relationships between visibility and their meanings. The results of the workshops offer perspectives on different ways in which the images inhabit and establish other worlds.

**Keywords:** migration; images; experimentation.

### **Imagens refugiadas**

São como Brancas de Neve, simplesmente se desvanecem do mundo. Assim imaginamos as crianças refugiadas da ex-Iugoslávia ou de países soviéticos que entram em um sono-sonho profundo, quando sabem que seus pais serão deportados da Suécia. Na reportagem de PIJAMASURF (2017), indica-se que “parecia que eles estavam dormindo. Era uma sensação doentia saber que eles estavam nessa posição há anos. Pessoas comparadas à hibernação, mas humanos não hibernam”. Despertam-se deste sono-sonho-

coma, após alguns anos perdidos, como se nada houvera passado, sem qualquer tipo de lembrança ou recordação.

Motersen (2016), ao analisar peças publicitárias em que imagens de refugiados são apresentadas, aponta que as crianças refugiadas ocupam um lugar especial porque “são vistos como ‘vítimas ideais’: vulneráveis, necessitando de proteção e evocando um forte impacto emocional” (p. 417).

Para esta autora, as representações de crianças tendem a despolitizar e descontextualizar refugiados e sua situação, na medida em que as crianças são percebidas como carentes de agência política, e desviam a atenção da especificidade de sua condição para respostas emocionais gerais, por exemplo de piedade e compaixão.

As circunstâncias pré e pós-migração das crianças, bem como sua complexa complexidade cultural, socioeconômica e necessidades educacionais, tendem a ser ignoradas. A vítima é vista como condição universalmente constitutiva da criança migrante (ENSOR, 2010. p. 21).

As significações que circulam a partir de redes de sentidos dos quais participam as imagens sobre migrantes/refugiados incidem, de acordo com Arcimavicienele Baglama (2018), em dois tipos de narrativas míticas, predominantemente negativas: o primeiro mito da desumanização, recriada usando duas cenas metafóricas, os migrantes/refugiados como objetos e migrantes/refugiados como mercadorias. Isso levaria à supressão de qualquer tipo de emoções ou sentimentos em relação aos migrantes que se tornam um Outro legítimo. E os migrantes/refugiados são ainda deslegitimados através do cenário de Crime e Terrorismo, no qual atua a autoridade moral está baseada na ideia de saber o que é certo para o Outro e como o Outro pode ser punido. “A maioria das metáforas no discurso da mídia inclui expressões que são convenções, desempenhando um papel significativo em termos de criação de estereótipos e mitos” (p. 05).

Esse universo interpretativo é ampliado e corroborado pelo artigo de Empinotti (2017), que parte da análise de 13 imagens publicadas por um jornal português online. Percebem-se padrões de retratação (ou seja retratos representacionais) dos refugiados com poucos casos em que se veem rostos, emoções, ou se reflete sobre o contexto em que a pessoa retratada está inserida. De acordo com a autora, “o estudo das 13 imagens mostra que há uma recorrente representação dos refugiados como grupos, e não indivíduos, nômades, em situação de risco e subordinação”(p.113).

O foco é a problematização sobre a identidade do “outro” nos media. “São repetidos esquemas de representação que tendem a reduzir a compreensão do refugiado como alguém em constante deslocamento, muitas vezes em situação de risco ou más condições” (EMPIONOTTI, 2017, p. 114).

Existem, porém, re-existências, artísticas sobremaneira, para romper com este ciclo de afirmação de significações míticas e estereotipadas.

Por exemplo, em um estudo de análise de imagens de artistas em uma plataforma digital do Facebook, denominada Syria.art, Catalani (2019) considera tais imagens como narrativas visuais, um tipo de performance de consciência coletiva e criativa, que liga o passado e o presente em lugares onde é grande a distância de casa.

A autora, em sua pesquisa, realizou entrevistas com as/os artistas e, conforme apontado pelos entrevistados, as esferas doméstica e familiar são reconhecidas como locais importantes para a transmissão das identidades grupais por meio de comida, vestuário, linguagem, narrativas orais e modos de socialização. Expressões de sua cultura distante, mas viva, são, portanto, incorporadas nas práticas cotidianas dos empregos comuns, na educação de jovens ou no prazer de atividades familiares de lazer.

Um dos artistas estudados por Catalani (2019) é Khaled Takreti, nascido em Beirute em 1964. Uma variedade de temas profundamente arraigados em sua cultura e herança histórica síria lhe fornece a fonte de inspiração. Como ele explica em uma breve introdução em sua página no Facebook, através de suas pinturas, ele quer representar os conflitos recentes na Síria e as consequências e efeitos que tiveram na população. “Takreti quer narrar as histórias de homens e mulheres na Síria, evocar lembranças e memórias de seus próprios dias de infância em Damasco” (p. 17). Como outros artistas, Takreti tenta criar um corpus de histórias que podem preservar e transmitir visualmente a cultura e tradições sírias e isso parece estar “acontecendo particularmente através de representações de mulheres e de crianças que, como sujeitos das obras de arte, adquirem novos significados que vão além dos das vítimas das guerras e da crise humanitária” (CATALANI, 2019. p.18).

Esses novos significados trabalham a partir de imaginações das mulheres e crianças como os principais responsáveis pelas tradições culturais e (re) produtores de identidades culturais.

A literatura é uma outra fonte importante para estudarmos movimentos de produção de significados outros sobre migrantes/refugiados. Escolhemos trazer inicialmente, para

compor este texto, o poema *A Cruzada das Crianças*, escrito por Bertolt Brecht em 1939. É baseado em uma lenda medieval com este nome, que fala de um bando de crianças que saiu pelas estradas lideradas por um menino de 12 anos.

No inverno de 1939, numa Polônia recém-tomada pelos alemães, tropas de crianças famintas se juntam, conduzidas por um “pequeno chefe / que animá-los bem queria, / porém algo o preocupava: o caminho não sabia”. O filho de um nazista, um judeu, um pequeno músico, um menino socialista que discursa, todos têm uma fome comum, de pão. Ao todo são 55. Abstêm-se de lutar entre eles, “pois com fome não há luta”. O nome da terra prometida que procuram, que um soldado moribundo lhes indica, é Bilgoray, nome de uma paz tão inacessível quanto o pão. Ao final do poema, o poeta narrador fala em primeira pessoa: “Quando fecho os meus olhos, / vejo-os perambular, vagando de sítio em sítio, / (...) / Buscando a terra da paz, / (...) / vai crescendo assim o bando. / Ao mirá-lo no crepúsculo, / não lhe vejo a mesma tez: / outras caras eu contemplo, / de espanhol, francês, chinês!”.

Cruzada é uma palavra que pode significar caminhada, guerra, busca de perdão. Segundo Leyva (2015), são relatos que se mostram como uma metáfora sutil sobre o que significa ser não apenas uma criança, mas também o que significa fazer parte dos marginalizados e diaspóricos do mundo contemporâneo. “São textos que nos fazem pensar sobre a significação de estar entre aqueles cuja presença é negligenciada e tornada um estereótipo. São materiais que enriquecem nosso olhar atual, não só pelo fato de colocar a imagem da criança numa historicidade da cultura, mas também porque nos levam a pensar acerca da temporalidade da Modernidade dentro da qual essa imagem tem sido “tolerada” como parte de uma narrativa de amadurecimento do homem contemporâneo e das suas respectivas representações”. (p. 127)

O poema procura expressar o sofrimento de crianças órfãs que buscam refúgio durante a Segunda Guerra Mundial. Similarmente à versão espanhola de 2011, com o traço de Solé Vendrell sangrado nas páginas, a publicação brasileira de 2014 é uma edição que valoriza a dimensão épica dessa história de pequenos peregrinos, filhos da guerra, que se unem para buscar a paz sem saber onde.

Já no conto *Crianças Indistintas*, de Lina Meruane, nascida no Chile, e com ascendentes palestinos, a escritura intervém em uma genealogia de imagens e palavras atravessadas por ruídos e silêncios esparsos no tempo, desde o holocausto judeu à Palestina ocupada, em que se transpassam fronteiras políticas e discursivas. O trecho a seguir expressa tais movimentos

Algumas crianças árabes se perguntavam o que o governo podia fazer, se era atacado com mísseis desde Gaza. Fico um tempo perplexa com a possibilidade das histórias invertidas. O efeito é quebrado pela criança que se aproxima de nós na saída da escola. Questionado por Ira, esse menino árabe abandona o script para nos contar sobre as mensagens de ódio que apareceram dias atrás nos muros da instituição. Contra a escola, diz o menino, contra nós, alunos árabes. Ira o interrompe para garantir a nós e a si mesmo que aqueles rabiscos não tinham nenhuma relevância. Ira o manda de volta à classe, mas o menino árabe insiste nos detalhes, de novo, as mãos passando nervosas pelo peito como se quisesse ter certeza de que seu corpo está ali, presente (MERUANE, 2019, s/p.)

Um corpo que são existências de silêncio e de reverberações sonoras, de corporeidades ruidosas e de movimentos rítmico-sonoros-enunciadas de palavras e sentidos.

Imagens sem forma, sem território capturável. Sem uma resposta inscrita na palavra fora da materialidade de um corpo tátil. Sempre a fuga, o fora.

### **Imagens experimentando nomadismos**

Se as imagens de crianças refugiadas e migrantes buscam reterritorializações que reificam mitos e significados próximos aos clichês, é sua característica maquínica que devolve ao território a sua apropriação diferenciante, a subjetivação.

O nômade, também presente em representações de refugiados e migrantes, opera nesta máquina de subjetivação. Para Zordan (2014), o que efetivamente caracteriza os nômades se configura num *ethos*, num modo de conduzir pelo território, numa ética implicada nos devires territoriais: hídricos, minerais, vegetais, animais, geracionais (crianças e mulheres).

As crianças nômades, refugiadas e em deslocamento trans e internacional vieram para estender o plano deste texto, pouco a pouco, e acabaram emergindo, por uma entrada transversal, como o povo por vir da fabulação criadora nas oficinas *Territórios-mundo*, preparadas para a ação dentro da disciplina de graduação da Unicamp, nomeada Estágio Humanitário<sup>4</sup> e oferecida no segundo semestre de 2019.

---

<sup>4</sup> A ideia da disciplina, no geral, foi propor a inserção de estudantes, das diferentes áreas do conhecimento, em atividades práticas de estágio vinculadas às ações relacionadas aos Direitos Humanos tanto no âmbito da própria UNICAMP quanto em suas parcerias interinstitucionais, como Prefeitura Municipal, órgãos das Nações Unidas, escolas públicas e privadas, ONGs, Ministério Público do Trabalho, dentre outros. Oferecer a oportunidade aos nossos estudantes de completar sua formação intelectual e humana com atividades voltadas à comunidade, refletindo a importância do compromisso social da **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p. 450-468, jun. 2020. E-ISSN 1517-1256

Um *Território-mundo* que pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. "As territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização" (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p.71).

No Portal da Unicamp, foi publicada uma notícia sobre este trabalho<sup>5</sup>, parcialmente reproduzida a seguir.

Compreender os fenômenos migratórios globais e oferecer a migrantes e refugiados que estão em Campinas atividades e serviços que contribuíssem para sua inserção social e cultural. Este foram alguns dos objetivos da disciplina Estágio Humanitário, oferecida pela primeira vez como atividade multidisciplinar no 2º semestre de 2019 aos alunos da Unicamp. Nela, estudantes de graduação e pós-graduação puderam entrar em contato com a realidade de estrangeiros atendidos pelos serviços público do município por meio de encontros de estudo e preparação e também de seis atividades práticas com a população.

De acordo com o coordenador da disciplina, Prof. Antonio Carlos Amorim, o fato de serem docentes que tratam dos movimentos migratórios sob diferentes perspectivas permitiu que a disciplina pudesse atender a várias demandas dos imigrantes que vivem em Campinas. "Quando a disciplina foi proposta no seu desenvolvimento por um grupo de professores de diferentes áreas, nossos desejos iam ao encontro de criar uma ambiência pedagógica de partilha de experiências sensíveis relacionadas às vidas de pessoas que migraram de seus países de forma espontânea ou contingencial", explica Antonio Carlos.

No total, 45 estudantes de diversas áreas da universidade participaram da disciplina, que contou também com voluntários para a realização das ações práticas. Antonio Carlos comenta que as atividades eram pensadas com o objetivo de ampliar as pesquisas científicas sobre os fenômenos migratórios, promover o encontro com imigrantes e refugiados, para que os alunos conhecessem suas realidades e demandas, e conhecer os serviços do poder público que atendem essa comunidade. Segundo o professor, as histórias de vida dos imigrantes permitiram que os alunos tivessem contato com uma realidade que eles nunca conheceram. "Quisemos povoar conhecimentos, trajetórias, lutas, conquistas e silêncios que o encontro com as pessoas refugiadas e migrantes nos permitiria tocar, sentir. Também, quisemos instaurar acontecimentos pedagógicos que nos forçassem, estudantes e professores, à reflexividade crítica, criativa e atravessada pela sensação sobre nossos modos de estar e agir no mundo contemporâneo", ressalta o docente.

---

Universidade pública com a sociedade. É fruto de partilhas entre algumas/uns docentes e funcionária que compuseram o grupo de trabalho Cátedra Sérgio Vieira de Mello, a disciplina abriu-se como um território de intensidades. Professores participantes: Rosana Baeninger (NEPO/IFCH/Unicamp); Ana Cecilia Cossi Bizon (CEL/IEL/Unicamp); Antonio Carlos Rodrigues de Amorim (FE/UNICAMP); Luis Renato Vedovato (FCA/IE/Unicamp).

<sup>5</sup>(<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/12/16/disciplina-inedita-aproxima-alunos-de-imigrantes-e-refugiados-em-campinas>)

Neste contexto de trabalho, nas oficinas houve atividades de projeção audiovisual e criação visual, com desenhos, colagens, frases e memórias do refúgio, e foram preparadas por um grupo de estudantes de pós-graduação e graduação ligados à referida disciplina. A proposta era ir ao encontro de um povo qualquer, “mistura de muitas linhagens, com características etnográficas mais e menos semelhantes, com traços físicos mais e menos diversificados. Todo povo tem nuances, variações de cor, variedades de traços” (ZORDAN, 2014, p. 03).

As oficinas não foram pensadas para as crianças povoarem. É certo que havia, desde o início da nossa entrada no GT Unicamp Cátedra Sérgio Vieira de Melo - Refugiados, uma ideia, e ainda há, de se trabalhar literatura infantil e cinema com crianças refugiadas e migrantes que moram em Campinas. Ideia adiada, devido a tantas outras agendas acadêmico-profissionais que se interpõem.

O incontrolável devir criancero nos pegou de surpresa, novamente. Tanto nos ritos e ritmos de tocar os instrumentos musicais, quanto nos de desenhar, colorir, colar e apresentar seus sonhos, lembranças, imaginações e desejos referentes ao *deslocamento* de um lugar de origem e de vida para outro. Esses deslocamentos são violentos, sobrevivem na folha de papel, onde são impressos os desenhos e as linhas de significação de esboços das narrativas silenciosas. Não se falavam sobre os desenhos, pinturas e colagens. Eles se tornaram autônomos das histórias que se podiam contar naquele entretempo.

Gostaríamos de indicar e compartilhar um disparador de pensamento que anda inquietando-nos ultimamente em recente projeto de pesquisa<sup>6</sup>: que há a aprendizagem das imagens em se soltar das mãos dos que a designaram à representação efêmera do ainda pouco dito, pouco falado, pouco adensado nas palavras. É a vida liberta da imagem, sua independência relativa em se juntar a outras e a conversar por entre os intervalos do contato de uma imagem com a outra.

Talvez seja a vida possível. Um possível sem diálogo e sem muita ação pedagógica sobre um viver junto ou dos mundos compossíveis.

A aprendizagem da singularidade.

Como uma imagem se torna singular no emaranhado de nossas decisões em lhes dar sentidos específicos? Como a singularidade da imagem requer o deslocamento furioso da sua quietude na visibilidade aterradora da significação?

---

<sup>6</sup>‘Currículos, refúgios e restos: imagens aprendentes e media-ção.’ (Proc. CNPq n. 425691/2018-7).



Como uma imagem arranca para si todo o corpo expressivo que a sufoca em estruturas que a jogam entre identidades, diferenças e discursividades? Como a imagem retornaria de tal experiência de ser invisível, para poder não ser capturada?

Nas oficinas, para seguir em companhia com essas perguntas, interessou-nos um percurso poético do nomadismo, compondo a criação de cartões postais em papel cartão ou atlas antigos com endereços, mapas, listas. Este movimento nasceu do desejo de criação de um novo território composto por poemas impressos em várias línguas, atlas escolares, mapas, revistas, listas telefônicas, jornais, selos e envelopes usados. Foi com provocação poética escolhemos poesias em diversas línguas, mapas de territórios e textos poéticos.

**Figura 1:** Crianças e pais participando da oficina Território-Mundo, oferecida para refugiados no evento Campinas de Todos os Povos.



Fonte: Acervo Pessoal.

Partindo da pergunta “Que lugares nos habitam?” que moveu esse trabalho, a oficina propôs a criação de postais utilizando mapas antigos como suporte para colagem de fragmentos de poemas. Inicialmente foi solicitada a formação de um arquivo coletivo, que

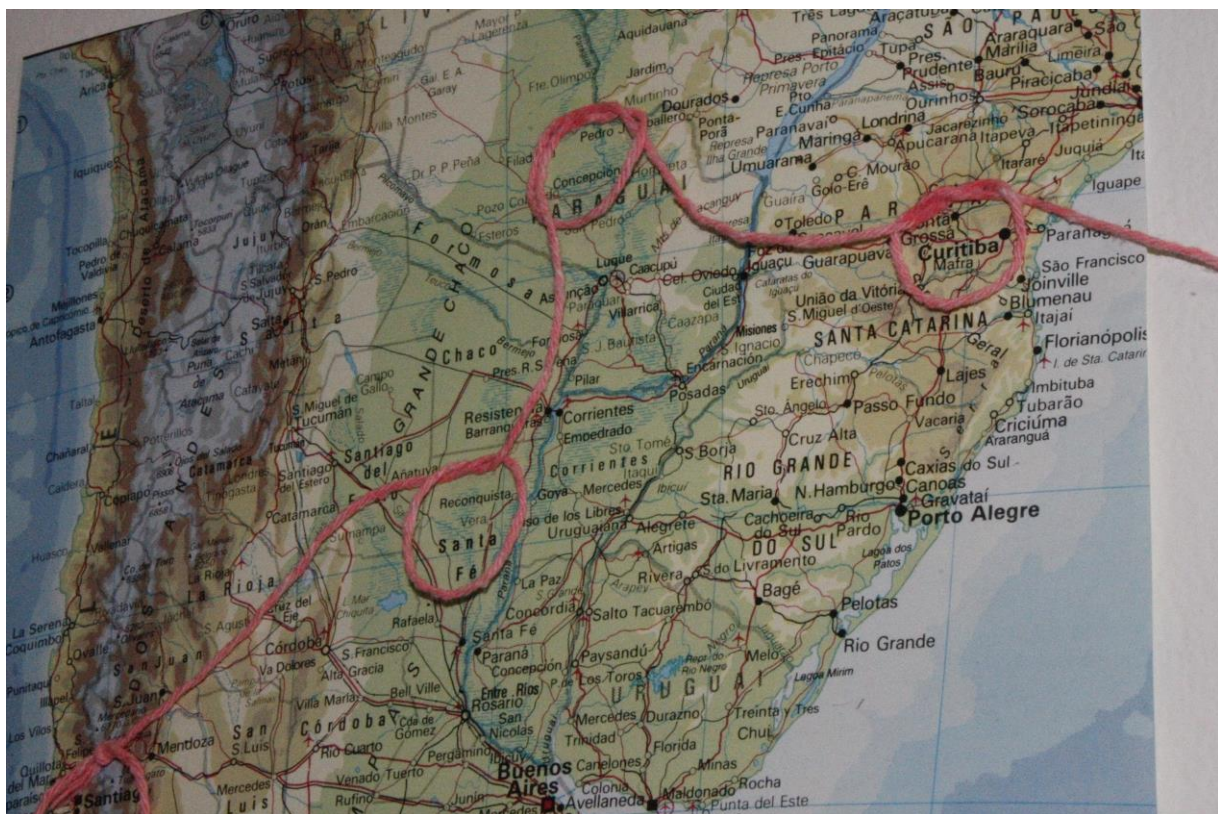
**Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p. 450-468, jun. 2020. E-ISSN 1517-1256

de alguma forma permeasse a pergunta: *Que lugares nos habitam?* A intenção era trazer à tona questões como deslocamentos, migrações, noções de lar, partidas e chegadas. Esse arquivo foi composto por haikais, textos sobre o direito a migração, poemas de despedida, saudades entre outros.

Lugares nômades para se habitar.

O nômade como aquele que, desimplicado dos aparelhos estatais em geral, é atravessado por uma extraordinária potência de mobilidade: o nomadismo, aqui, não tem a ver com deslocamento físico, mas intensivo. São velocidades de pensamento. Nomadizar é encontrar meios para liberar o pensamento de sua forma-Estado, de sua forma-árvore, de sua forma-homem, engajando-o em máxima velocidade e em perspectivas inesperadas (SALLES, 2017, p. 300).

**Figura 2:** Postal criado por participante



Fonte: Acervo Pessoal

**Figura 3:** Crianças participando da criação de postais.



Fonte: Acervo Pessoal

Assim, a linguagem passa a ser um mapa aberto, conectável em todas as dimensões e pode estar sempre mudando de paisagem, vazando por todos os lados.

Após a criação desse arquivo intensivo, foi proposta a composição de poemas *ready-made* multilíngues levando ao limite o significado da palavra. Os poemas foram recortados linha a linha e colocados em uma caixa, podendo ser combinados livremente sobre a base de mapas ou de papel cartão, ou até mesmo sorteados. Um processo de reciclagem, reaproveitamento, remixagem, transfiguração, segundo Villa-Forte (2019), em seu livro *Escrever sem escrever*,

[...] O gesto de fazer um conteúdo original uma outra coisa, mas não por meio de uma nova invenção, e sim pela reproposição ou reenquadramento pela seleção, edição e recontextualização. O texto como *ready-made*. A apropriação, a cópia e o deslocamento como métodos, como técnica e restrição, pelas quais se produzem um poema, um conto, um texto híbrido, arte e literatura (p. 19).

Buscando rasurar as singularidades os poemas foram recortados e embaralhados, compondo novas frases multilíngues. Desejamos atravessar as fronteiras linguísticas, rasurar identidades sedentárias e criar novos territórios; Que novos territórios são possíveis dentro deste grande território mundo? Que fronteiras este devir crianceiro é capaz de cruzar? Crianças que atravessam as linhas imaginárias que separam a terra com fronteiras, crianças que crescem e se multiplicam nestes fluxos forçados. Crianças pelo mundo todo que hoje são proibidas de cruzar fronteiras.

Assim, o arquivo coletivo criado inicialmente foi sendo transformado e acrescido de novos textos e materiais a cada nova oficina. Essas oficinas foram realizadas com públicos variados: estudantes da Unicamp de vários cursos de graduação que cursavam a disciplina Estágio Humanitário; público geral, composto principalmente por migrantes presentes no evento Campinas de Todos os Povos, organizado em parceria com a Rede Humanitária da Unicamp e realizado no Centro de Educação Profissional de Campinas “Prefeito Antonio da Costa Santos” – CEPROCAMP, bem como com estudantes de ensino médio da Escola Barão Geraldo de Rezende, Campinas. Os postais produzidos na oficina realizada no CEPROCAMP serviram de disparadores para a criação com os alunos da Disciplina de Estágio Humanitário que foi realizada na Faculdade de Educação da UNICAMP.

Também foram realizadas oficinas de criação poética dentro das aulas de filosofia de alunos da rede de ensino pública da cidade de Campinas, mais precisamente na EE Barão Geraldo de Rezende. Movidos pela ideia de deslocamento e devir os alunos deveriam criar postais tendo como inspiração a pergunta disparadora: “Que lugares nos habitam?” Nesta terceira e última oficina da disciplina. O conceito de devir vindo a filosofia pré-socrática de Heráclito, nos avisa que nada é permanente exceto a mudança.

**Figura 4:** Postais criados por participantes em uma das oficinas.



Fonte: Acervo Pessoal

Estas imagens nos trazem definições de contornos que escapam incessantemente em linhas de fuga. São agenciamentos que levam a uma espécie de organização, uma composição de linhas de vários tipos: as linhas duras, que amarram e levam a segmentações – das instituições e dos territórios, e as linhas que não se deixam aprisionar – das desterritorializações, que eles chamam de linhas de fuga. São estas últimas, com sua

multiplicidade e seus devires, com suas linhas-entre, que fazem a máquina de guerra. "A reterritorialização consistirá numa tentativa de recomposição de um território engajado num processo desterritorializante" (GUATTARI; RONILK, 2010, p.388).

Conforme indicamos anteriormente, as crianças, por imagens, passam por uma reterritorialização forçada pela condição de refúgio e migração que faz com que emerjam novas imagens de infâncias, novas conexões e realidades. É na medida que habitam estes refúgios que estas crianças em devir passam a estados inéditos de realidade e consequentemente habitam novas infâncias.

### **Imagens-língua, outras poéticas para a terra**

Apelarmos para o modo expressivo da linguagem. Fazer dela um estilo de vida. É certo que por um lado, a língua tem um caráter social e agir com esta língua é uma realização por parte do indivíduo. As oficinas buscaram territórios imagéticos nos quais a língua se abrisse a um mapa em linhas de intensidades.

Com isso, emergiu o poetizar com outros povos, trazer escritas por vir e suas fabulações. Quais são as fronteiras da língua quebradas durante estas oficinas? Como este povo nômade crianceiro gera novas imagens e palavras desde estes fluxos aos quais estão submetidos? São lembranças, recordações, criações e fabulações deste povo jovem eternamente nômade, trata-se de “um povo rizomático, múltiplo, composto por imigrantes de todos os países, e não por um povo convocado para dominar o mundo. Trata-se de um povo menor, eternamente menor, tomado em um devir-revolucionário.” (LINS, 2012). Revolução está exposta na medida que um pai venezuelano e seu filho nos trazem a união e força entre povos diferentes. Rasurando fronteiras, compondo com símbolos pátrios esta família formula um novo território por vir.

**Figura 5:** Desenho feito por uma criança venezuelana e seu pai durante a oficina do CEPROCAMP



Fonte: Acervo Pessoal

Precisamos deixar a língua vibrar de uma outra maneira e fazer dela uma máquina de guerra de tal forma que ela esteja além da comunicação e da informação. “Assim, podemos entrar em uma corrente de variação contínua da linguagem, saindo dos limites impostos pelas coordenadas semióticas e pela imponência da sintaxe (...) É entrando nessa máquina abstrata da língua e enlouquecendo com ela que se pode utilizar a linguagem para obedecer e fazer obedecer e não acreditar nela” (CORREIA, 2013, p. 90).

A máquina de guerra acontece ao poetizar territórios, lançar-se ao ar, tomar fôlego. No balão desenhado pelo pai a identidade venezuelana e a identidade transnacional que se formula e se gere partindo destes fluxos migratórios. O acolhimento brasileiro e a pátria

venezuelana se mixam em um novo território que os acolhe. Território este tão importante na medida que estão em um outro país de modo forçado. A jornalista venezuelana Alba, durante as aulas da disciplina Estágio Humanitário, nos relatou que migrar forçadamente muitas vezes se assemelha a sair da própria casa e jogar a chave para dentro pela janela, sair para nunca mais voltar, sair para o mundo, sair para o território mundo.

Dentre as inúmeras quebras e apagamentos pelos quais passam estes imigrantes e refugiados, podemos destacar as mudanças decorrentes do aprendizado de uma nova língua diferente da original, a nossa língua, o português. “Adquirir outra língua, que é outra maneira de romper com o que é seguro.” (MOLLOY, 2019). A língua é nossa casa. Alba destacou que a língua é a última casa e que abandoná-la no cotidiano trata-se da parte mais difícil da migração. Abandonar a casa e tomar uma nova casa. Tomar uma nova língua como sua.

**Figura 6:** Postal criado em uma das oficinas.



Fonte: Acervo Pessoal

Esta nova língua nos traz a dimensão de um outro, um outro diferente de nós, mas que ainda que esteja em refúgio passa pelas mesmas angústias, inquietações e vontades que todos nós.



A escrita, uma das possibilidades de a língua agir sobre o mundo, tenderia para o seu fora, que age no mais íntimo da língua, desarticulando sua sintaxe e a liberando de suas regras gramaticais.

“Assim como a língua tende a perder sua sintaxe e sua gramática (expressão) em benefício de linhas contínuas, também os corpos tendem a perder seus contornos e suas formas (conteúdo) a se desorganizarem (...) É que a língua não se remete mais a corpos exteriores organizados, mas a variações intensivas que passam por entre esses corpos ou aos graus de potência que eles envolvem” (LAPOUJADE, 2015. p. 223-224).

Como fazer a percepção do vivo, da vida infantil, criancieira e aberrante que reflete em imagens, palavras e sons, sem eliminar da matéria muitos dos seus movimentos, sem os enquadrar e limitar às necessidades utilitárias e motoras? Qual é o possível de se manter singular em um movimento que se perde objetiva ou subjetivamente ao prolongar-se em ação que busca respostas, estruturas, julgamento e razão?

A linguagem é atraída por um indizível que, entretanto, só pode ser dito. (LAPOUJADE, 2015. p. 223).

Sigamos em busca, maquinando imagens-escritas-refúgio, traçados por vezes de tonalidades cinzas as mais variadas e tendendo ao desaparecimento, que também incidem na recomposição de um sentido totalitário de querer preencher toda tela, todo espaço, e reclamar a ausência do clichê. Aquele clichê que circunda as imagens de crianças refugiadas e migrantes que as mídias insistem em nos fazer dessubstancializar da experiência radical de reinventar um lar, uma língua, uma casa e um despertar do sono letárgico, envenenado.

Romper com uma ordem simbólica da transcendência, como pensá-la de outra maneira? A imagem ou transforma-se em código, e tem uma posição no seu suporte de emergência visível, que poderia ser considerada minimalista, ou ocupa toda a tela, evitando o caos, e não deixando que germinem as linhas menores.

O que se pode alcançar, talvez, com as oficinas, foi pensar ainda por um exercício de encontro das diferenças tornadas visíveis. A diferença, impressão qualitativa produzida pela contração de impressões sensíveis que se repetem na experiência, é a produção do novo no espírito a partir de um encontro com um signo natural que provoca na imaginação forças antes desconhecidas, forças que ultrapassam a imaginação e a experiência.

## Referências

ARCIMAVICIENE, Liudmila e BAGLAMA Sercan Hamza. Migration, Metaphor and Myth. Media Representations: The Ideological Dichotomy of “Them” and “Us”. **SAGE Open**. p. 1-13. April-June 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2158244018768>. Acesso em: 18/03/2020.

CATALAN, Anna. Refugee artists and memories of displacement: a visual semiotics analysis. **Visual Communication**. Vol. 0(0) 1–25. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1470357219859042>. Acesso em: 30/03/2020.

CORREIA, Paulo Petronilio. Poesia: a “Máquina de Guerra do Pensamento”. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 68-94, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1807-9288.2013v9n1p68>. Acesso em: 02/04/2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2009. v.1

ENSOR, Marisa O. Understanding migrant children: Conceptualizations, approaches and issues. In: ENSOR, Marisa O. e GOŹDZIAK, Elżbieta M. (Orgs.) **Children and migration: At the crossroads of resiliency and vulnerability** (pp. 15–35). New York, NY: Palgrave Macmillan. 2010.

GUATTARI Félix; RONILK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 10ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LAPOUJADE, David. **Os movimentos aberrantes**. (Trad. Laymert Garcia dos Santos). São Paulo, Brasil: N-1 Edições. 2015.

LEYVA, Luvel Garcia. **A Cruzada das Crianças: sinais históricos nas performances e no teatro cubano**. 2015. 166f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil.

LINS, Daniel. A escrita rizomática. **Sibila: revista de poesia e crítica literária**. Ano 20. 20 de junho de 2012. Disponível em: <http://sibila.com.br/novos-e-criticos/a-escrita-rizomatica/5331>. Acesso em 25 de abril de 2020.

MERUANE, Lina. TORNAR-SE PALESTINA. Gaza parecia fechada com cadeado, e a chave havia sido engolida por Israel. **Piauí**, Edição 155. São Paulo, Agosto de 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tornar-se-palestina/>. Acesso em 15 de abril de 2020.

MOLLOY, Sylvia. **Viver entre línguas**. Traduzido por Julia Tomazini, Mariana Sanches. Belo Horizonte: Relicário. 2018. 108 p.

MORTENSEN, Mette. “The image speaks for itself” – or does it? Instant news icons, impromptu publics, and the 2015 European “refugee crisis”. **Communication and the Public**. Vol. 1(4) 409- 422. 2016. DOI: 10.1177/2057047316679667

**Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p. 450-468, jun. 2020. E-ISSN 1517-1256

PIJAMSURF. Cientos de niños refugiados entran misteriosamente en coma en suecia al saber que sus padres serán deportados. Cidade do México, 04/02/2017. Disponível em [https://pijamasurf.com/2017/04/cientos\\_de\\_ninos\\_refugiados\\_entran\\_misteriosamente\\_en\\_coma\\_en\\_suecia\\_al\\_saber\\_que\\_sus\\_padres\\_seran\\_deportados/](https://pijamasurf.com/2017/04/cientos_de_ninos_refugiados_entran_misteriosamente_en_coma_en_suecia_al_saber_que_sus_padres_seran_deportados/). Acesso em 11 de abril de 2020.

SALES, Alessandro Carvalho. Nomadismo, Pensamento, Liberdade. **Revista Lampejo**. vol. 6 nº 2. p. 296-301. 2017. Dossiê Daniel Lins: Pensamento Nômade.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2019. 224 p.

ZORDAN, Paola. Máquina de Guerra em dez aforismos. **REVISTA CARBONO** \_ Natureza, Ciência e Arte (17pp.). n. 06. 2014. Disponível em <http://revistacarbono.com/edicoes/06/>. Acesso em 02/04/2020.

*Submetido em: 30-04-2020.*

*Publicado em: 01-07-2020.*